

10 Estado 4-X-1970

cmv 2.1.8.99

Da História e da Revolução

TITO LIVIO FERREIRA
Especial para "O Estado"

Repete-se a história? Não, ela jamais se repete. Homens, circunstâncias, filosofias, tudo munda na dimensão do tempo. Por isso, a História estuda, em profundidade, essas mudanças por ser a ciência do concreto, isto é, a ciência do documento. Ciência explicativa e não "interpretativa", ela, ao explicar os acontecimentos, usa, obrigatoriamente, a linguagem histórica, ou seja, a linguagem do documento: a única linguagem da História. Por ser a ciência das ciências, é a mais difícil de todas as ciências, dizia Bayle. E, por ser a ciência do homem, em História não há autoridades, há documentos. Nesse caso, vários escritores da História, a partir de Alexis Tocqueville, insistem no impacto causado pela Revolução Francesa (1789) principalmente, naqueles que, de perto ou de longe, foram seus obreiros. Viveram inconscientemente, ou quase, dos acontecimentos e das forças desencadeadas pela palavra e pela ação, sem prever, pressentir ou precipitar o evoluir de um processo inscrito em fatos de que eram precursores, atores, comparsas, agentes positivos ou negativos. Em sua obra "L'Ancien Régime et la Revolution" (1856), Tocqueville mostra como a sociedade de meados do século XIX, em plena evolução econômica, não fora gerada pela Revolução de fins do século XVIII, mas pelos séculos XVI e XVII. Por consequência, diz ele, é uma ilusão ver, no estado atual da sociedade, naquele momento, a imagem do século anterior; ela é a de dois a três séculos antes. "Todavia, continua Tocqueville, a Revolução segue o seu curso: à medida que se vê surgir a cabeça do monstro, que a sua fisionomia singular e terrível se desco-

bre; que depois de ter destruído a máquina do governo, ela remexe os fundamentos da sociedade e parece querer atentar contra o próprio Deus; quando logo a seguir essa mesma Revolução transborda para o exterior, por formas desconhecidas até então, uma tática nova, máximas assassinas, opiniões "armadas", como dizia Pitt, uma potência inaudita que arrasa as barreiras do Império, quebra as coroas, esmaga os povos, e, coisa estranha, ganhos, ao mesmo tempo, para a própria causa, à medida que todas estas coisas explodem à luz do dia, o ponto de vista muda". (79, 80, 81, - 1951).

Era demasiado tarde para uns e para outros. Faltara-lhe lucidez para ver, vontade para agir, no momento exato. Viera a violência, a desordem, a guerra. Entrava o século XIX, quando Napoleão restaura a Monarquia. O Império surge dos escombros da Republica. Tempo adiante, a Republica renasce. Logo ressurgem o Império de Napoleão III. Por fim a Republica abate a Monarquia. Ambas respiram o mesmo ideal popular dinamizado no Município Romano, vivo nas Camaras de Vereadores, autênticas Camaras do Povo, cujas origens remontam à Democracia criada em Atenas. Assim, a Republica é o alicerce da Monarquia, onde o Imperador, muitas vezes, é Presidente. D. Pedro II, consolidador do Império Brasileiro, no seu "Diário", em 1.º de janeiro de 1861, escreve: "Nasci para presidente de Republica". Por isso, no fundo o cidadão tem a vivência do vassalo cochilante. Quando o vassalo desperta com saudades vivas das fórmulas políticas de outrora, obriga o cidadão a regressar à Monarquia. Por sua vez, quando o cidadão acorda com nostalgia das formas populares, impõe ao vassalo o retorno à Republica, para ser governado por um presidente-monarca. E o vassalo e o cidadão ignoram que o tempo é irreversível.

lhada sob o rótulo comunista de "realidades brasileiras". A frente desse movimento de dissolução moral, social e cívica colocam-se "teleguiados", jovens da alta burguesia financeira e política. Alguns são conscientizados pelo marxismo-leninismo. Principalmente pelo maoísmo. Este se presta para justificar a contestação, a agressividade e a violência, porque o maoísmo é o grande mito, no sentido empregado pelos antropologistas culturais — o grande mito surgido a Leste, quando os mitos socialistas a Oeste começam a fluidizar-se. Os adoradores do Sol nascente apedrejam o Sol no poente. O maoísmo revoluciona uma nação colossal e isso impressiona ensinantes e ensinados, porque excede a qualquer dimensão social ao alcance deles. Esse fenômeno contagia espíritos moços. Eles vivem na abundância, têm todos os estímulos materiais mas falta-lhes o ideal e o oxigênio do idealismo. Querem o regresso à vida selvagem na selva citadina. Thomas Hobbes fala do "homo ferox", na "Bellum omnia contra omniun". E o "materialismo histórico", isto é, o diálogo do ódio faz o homem feroz jogado na guerra total contra todos os homens, contra a Humanidade. Amanhã, quando o maoísmo já octogenário fizer companhia ao marxismo-leninismo centenário e caduco, os novos abexins arrancarão os paralelepípedos, com as duas mãos, para apedrejá-los. Nivelados ainda pela "sociologia vulgar e abstrata" do "materialismo histórico", ensinantes e ensinados não compreenderão nem há de compreender o idealismo das gerações futuras, porque não são livres, nem pensam. E as crianças de hoje, moços de amanhã sob a garantia eficaz da liberdade — a liberdade orgânica, irmã coíça da competência, da hierarquia e da autoridade, a liberdade divina criadora da continuidade da nossa história e da permanência da unidade nacional, da unidade pátria, da unidade brasileira forjadas pelo calor humano e universalista da unidade portuguesa; as crianças de hoje, moços de amanhã, brasileiros conscientes da permanência na continuidade não de conduzir o Brasil de sempre pelo caminho luminoso do luso-cristianismo onde irradiam a civilização grega, o espírito jurídico romano e a teologia judeu-cristã.

ressureição

esso

rafe —

Nossa

lo 1.º

assa-

mo

bu-

na"

sa-

a